



A Educação Universalista de Agostinho da Silva

The Universalistic Education of Agostinho da Silva

La Educación Universalista de Agostinho da Silva

ROMANA VALENTE PINHO¹

Resumo

A Educação Universalista de Agostinho da Silva é um estudo que visa compreender a relevância do pensamento educativo e pedagógico de Agostinho da Silva para a Educação contemporânea portuguesa e brasileira. Em 1944, quando Agostinho da Silva procurou um auto-exílio, no Brasil, ele realizou um trabalho intensivo baseado numa ideia de educação universalista. Neste país, ele promoveu uma ação educativa e pedagógica que jamais seria possível em Portugal, na mesma época. Desta forma, relembramos a fundação de universidades (como a da Paraíba, a de Santa Catarina ou a de Brasília) e a criação de centros de estudo (por exemplo, o Centro de Estudo Afro-Orientais, Salvador da Bahia, e o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses, Brasília).

Palavras-Chave: Agostinho da Silva; Educação universalista; Pedagogia.

¹ Doutora em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Professora de Filosofia da Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: romana.vpinho@ufu.br

Abstract

“The Universalistic Education of Agostinho da Silva” is a study focused on understanding the relevance of Silva’s educational and pedagogical thought for Portuguese and Brazilian contemporary Education. In 1944, when Agostinho da Silva pursued a self-exile in Brazil, he realized an intensive work based on the universalistic education idea. In this country, he fomented an educational and pedagogical action ever possible, at the same time, in Portugal. Therefore, we remember the University foundation (as well as University of Paraíba, University of Santa Catarina or University of Brasília) and the creation of study Center (for instance, Afro-eastern study Center – Salvador, Bahia – and Brazilian Center of Portuguese Studies, Brasília).

Keywords: *Agostinho da Silva; Universalistic Education; Pedagogy.*

Resumen

“La Educación Universalista de Agostinho da Silva” es un estudio que tiene como objetivo comprender la relevancia del pensamiento educativo y pedagógico de Agostinho da Silva para la educación contemporánea portuguesa y brasilera. En 1944, cuando Agostinho da Silva se autoexilió en Brasil, realizó un trabajo intensivo basado en una idea de educación universalista. En este país, promovió una acción educativa y pedagógica que jamás sería posible en Portugal para la misma época. De esta forma, recordamos la fundación de universidades (como la de Paraíba, la de Santa Catalina y la de Brasilia) y la creación de centros de estudio (por ejemplo, el Centro de Estudios Afro-Orientales en Salvador de Bahía, y el Centro Brasileiro de Estudios Portugueses en Brasilia).

Palabras-Clave: *Agostinho da Silva; Educación Universalista; Pedagogía.*

Recebido em: fevereiro de 2017

Aprovado para publicação em: abril de 2017

Por muito cuidado que se tenha, educar é podar; deixar crescer com toda a força o ramo que nos agrada.

Agostinho da Silva, *Pensamento à Solta*, 1999.

George Agostinho Baptista da Silva (vulgo Agostinho da Silva) foi um filósofo e educador luso-brasileiro que nasceu na cidade portuguesa do Porto, em 1906, e morreu em Lisboa no ano de 1994. A passagem da sua vida não se restringiu, contudo, ao ambiente português. Haveria de viver cerca de 25 anos no Brasil (tornando-se, aliás, cidadão brasileiro em 1959) e também em outros países como a França, a Espanha, a Argentina ou o Uruguai. De todo modo, foi no Brasil (entre 1944 e 1969)² que a sua ação educativo-pedagógica mais se adensou, quer através da fundação de universidades (como a da Paraíba, a de Santa Catarina e a de Brasília, por exemplo) quer através da criação de centro de estudos (como o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), em 1959, em Salvador da Bahia – primeiro centro de estudos dedicado a África, no Brasil –, ou o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses (CBEP) e o Centro de Cultura Clássica, ambos na Universidade de Brasília, em 1962) quer, ainda, como assessor para a política externa do Presidente da República Jânio Quadros (1961).

Formado, em 1928, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em Filologia Clássica, Agostinho da Silva torna-se professor (ainda que provisório) no Liceu Alexandre Herculano, na mesma cidade do Porto, precisamente nesse ano. Efetiva-se, portanto, professor por esta altura, mas só virá a iniciar a sua missão de educador uns anos mais tarde, nomeadamente em 1933, quando é colocado no Liceu José Estevão, na cidade de Aveiro (situada da Região Centro de Portugal).

Mas para Agostinho da Silva, educar não se restringirá tão-só à tarefa de lecionar –até porque, logo a partir de outubro de 1935, a sua vida passará a ser atribulada nesse quesito. Afinal, quando se nega a assinar o documento (exigido pelo Estado Português a todos os funcionários públicos – Lei N.º 1901 de 21/05/1935, mais conhecida como Lei Cabral³) que estatui a sua não vinculação a sociedades secretas, está a deitar por terra uma carreira no ensino público português. A tarefa da Educação passará, então, a estar associada a uma missão cultural que se sustenta essencialmente em três pilares: a edição das *Biografias*⁴, dos *Cadernos de*

² Num pequeno interregno, entre 1945 e 1947, Agostinho da Silva viveu em Buenos Aires e Montevideo.

³ É conhecida como Lei Cabral na medida em que o deputado José Cabral, diretor-geral dos serviços prisionais, apresentou, em 19/01/1935, na Assembleia Nacional, um projeto de lei que visava extinguir as associações secretas, especificamente a Maçonaria. É aprovada a 06/04/1935 e entra em vigor a 21/05/1935.

⁴ SILVA, Agostinho da. *A Vida de Moisés*. Lisboa: Seara Nova, 1938; SILVA, Agostinho da. *A Vida de Pestalozzi*. Lisboa: Seara Nova, 1938; SILVA, Agostinho da. *A Vida de Francisco de Assis*. Lisboa: Seara Nova, 1938; SILVA, Agostinho da. *Vida de Lincoln*. Lisboa: Seara Nova, 1938; SILVA, Agostinho da. *Vida de Pasteur*. Lisboa: Seara Nova, 1938; SILVA, Agostinho da. *Vida de Zola*. Lisboa: Seara Nova, 1938; SILVA, Agostinho da. *A Vida de Washington*. Lisboa: Inquérito, 1939; SILVA, Agostinho da. *Vida de Robert Owen*. Famalicão: Ed. do autor, 1941; SILVA, Agostinho da. *Vida de Franklin*. Famalicão: Ed. do autor, 1942; SILVA, Agostinho da. *Vida de Miguel Ângelo*. Famalicão: Ed. do autor, 1942; SILVA, Agostinho da. *Vida de Lamennais*. Famalicão: Ed. do autor, 1943; SILVA, Agostinho da. *Vida de Leopardi*. Famalicão: Ed. do autor, 1944; SILVA, Agostinho da. *Vida de Leonardo da Vinci*. Famalicão: Ed. do autor, 1944; SILVA, Agostinho da. *Vida de William Penn*. Famalicão: Ed. do autor, 1946.

*Divulgação Cultural*⁵ e da *Antologia – Introdução aos Grandes Autores*; a criação do Núcleo Pedagógico Antero de Quental (fundação de bibliotecas; participação em programas de rádio; realização de palestras por todo o país); e a implementação de novas correntes pedagógicas na sua atividade enquanto professor do ensino particular e privado (sobretudo quando cria a Escola Nova de São Domingos de Benfica, em Lisboa, no ano de 1937).

No que diz respeito ao tema da Educação, a sua produção de juventude destaca-se com as obras *O Método Montessori*⁶ (1939) e *Sanderson e a escola de Oundle*⁷ (1941), bem com os seguintes textos: *A Vida de Pestalozzi* (1938), *Considerações pedagógicas*⁸ (1939), *O Plano Dalton*⁹ (1939), *As altas escolas populares da Dinamarca*¹⁰ (1939), *Demóstenes*¹¹ (1939), *As escolas de Lietz*¹² (1939) e *As Escolas de Winnetka*¹³ (1940). Na sua produção de maturidade,

⁵ Os *Cadernos de Divulgação Cultural* constituíram-se em três segmentos: *À Volta Do Mundo - Textos Para A Mocidade* (6 títulos) – todos eles publicados pela editora da Seara Nova entre 1938 e 1939: *A vida dos Esquimaus*; *Piccard na Estratosfera*; *Os Castores*; *Vida e Morte de Sócrates*; *A última viagem de Scott*; *As Aranhas*; *À Volta Do Mundo - Textos Para A Juventude* (duas séries e 7 títulos: 1.ª série – *Vida das Enguias*. Lisboa: Ed. do autor, 1943; *Como se faz um Túnel*. Lisboa: Ed. do autor, 1943; *História dos Comboios*. Lisboa: Ed. do autor, 1943; *Aventuras com Tubarões*. Lisboa: Ed. do autor, 1943; *O Sábio Confúcio*. Lisboa: Ed. do autor, 1943; *Viagem à Lua*. Lisboa: ed. do autor, 1943. 2.ª série – *Os primeiros Aviões*. Lisboa: Ed. do autor, 1943); e *Iniciação - Cadernos De Informação Cultural* (onze séries e 64 títulos, publicados entre 1940 e 1947): 1.ª série – *A primeira volta ao Mundo*. Lisboa: Ed. do autor, 1940; *Breve História do Linho*. Lisboa: Ed. do autor, 1940; *A vida de Edison*. Lisboa: Ed. do autor, 1940; *A vida e a Arte de Goya*. Lisboa: Ed. do autor, 1940/1943; *Uma ascensão nos Himalaias*. Lisboa: Ed. do autor, 1940/1943; *O pensamento de Epicuro*. Lisboa: Ed. do autor, 1940/1943. 2.ª série – *O Planeta Marte*. Lisboa: Ed. do autor, 1940; *A vida de Lesseps*. Lisboa: Ed. do autor, 1940; *Por três ovos de Pinguim*. Lisboa: Ed. do autor, 1940; *A Arte pré-Histórica*. Lisboa: Ed. do autor, 1940; *O Budismo*. Lisboa: Ed. do autor, 1940; *História dos Estados Unidos*. Lisboa: Ed. do autor, 1940. 3.ª série – *O Petróleo*. Lisboa: Ed. do autor, 1940; *A vida e a arte de Van Gogh*. Lisboa: Ed. do autor, 1940; *O Sahará*. Lisboa: Ed. do autor, 1940; *A vida de Pierre Curie*. Lisboa: Ed. do autor, 1940; *As Escolas de Winnetka*. Lisboa: Ed. do autor, 1940; *História da Holanda*. Lisboa: Ed. do autor, 1940. 4.ª série – *A vida e a arte de Ticiano*. Lisboa: Ed. do autor, 1941; *O Gás*. Lisboa: Ed. do autor, 1941; *As viagens de Colombo*. Lisboa: ed. do autor, 1941; *O Estoicismo*. Lisboa: Ed. do autor, 1941; *Mozart*. Lisboa: Ed. do autor, 1941; *O Mundo dos Micróbios*. Lisboa: Ed. do autor, 1941. 5.ª série – *A vida de Masaryk*. Lisboa: Ed. do autor, 1941; *O Ferro*. Lisboa: Ed. do autor, 1941; *História do Egipto antigo*. Lisboa: Ed. do autor, 1941; *A Escultura Grega*. Lisboa: Ed. do autor, 1941; *As Viagens de Stanley*. Lisboa: Ed. do autor, 1941; *A Reforma*. Lisboa: Ed. do autor, 1941. 6.ª série – *O Transformismo*. Lisboa: Ed. do autor, 1942; *A vida de Florence Nightingale*. Lisboa: Ed. do autor, 1942; *O Islamismo*. Lisboa: Ed. do autor, 1942; *As Abelhas*. Lisboa: Ed. do autor, 1942; *A vida e a arte de Cellini*. Lisboa: Ed. do autor, 1942; *Literatura Latina*. Lisboa: Ed. do autor, 1942. 7.ª série – *A vida de Nansen*. Lisboa: Ed. do autor, 1942; *O plano Dalton*. Lisboa: Ed. do autor, 1942; *As Cooperativas*. Lisboa: Ed. do autor, 1942; *O Sol*. Lisboa: Ed. do autor, 1942; *Goethe*. Lisboa: Ed. do autor, 1942; *O Cristianismo*. Lisboa: Ed. do autor, 1942. 8.ª série – *Beethoven*. Lisboa: Ed. do autor, 1942; *Literatura Russa*. Lisboa: Ed. do autor, 1942; *Filosofia Pré-Socrática*. Lisboa: Ed. do autor, 1942; *Alexandre Herculano*. Lisboa: Ed. do autor, 1942; *A Hulha*. Lisboa: Ed. do autor, 1942; *A vida e a arte de Courbet*. Lisboa: Ed. do autor, 1942. 9.ª série – *Alimentação Humana*. Lisboa: Ed. do autor, 1942; *Sócrates*. Lisboa: Ed. do autor, 1943; *A vida e a arte de Rembrandt*. Lisboa: Ed. do autor, 1943; *Apicultura*. Lisboa: Ed. do autor, 1943; *História do Japão*. Lisboa: Ed. do autor, 1944; *As viagens de Livingstone*. Lisboa: Ed. do autor, 1944. 10.ª série – *Vida de Vivekananda*. Lisboa: Ed. do autor, 1944; *As Estrelas*. Lisboa: Ed. do autor, 1944; *O Sistema nervoso*. Lisboa: Ed. do autor, 1944; *Literatura Portuguesa*. Lisboa: Ed. do autor, 1944; *Motores de explosão*. Lisboa: Ed. do autor, 1944. 11.ª série – *William Morris*. Lisboa: Ed. do autor, 1944; *Platão*. Lisboa: Ed. do autor, 1946; *A Arte Egípcia*. Lisboa: Ed. do autor, 1947; *Bach*. Lisboa: Ed. do autor, 1947.

⁶ SILVA, Agostinho da. *O Método Montessori*. Lisboa: Inquérito, 1939.

⁷ Idem. *Sanderson e a escola de Oundle*. Lisboa: Inquérito, 1941.

⁸ Idem. *Considerações pedagógicas*. Lisboa: *O Diabo*, 18/02/1939.

⁹ Idem. *O Plano Dalton*. Lisboa: Ed. do autor, 1942.

¹⁰ Idem. *As altas escolas populares da Dinamarca*. Lisboa: *O Diabo*, 11/09/1939.

¹¹ Idem. *Demóstenes*. Lisboa: *O Diabo*, 25/11/1939.

¹² Idem. *As escolas de Lietz*. Lisboa: *O Diabo*, 09/12/1939.

¹³ Idem. *As Escolas de Winnetka*. Lisboa: Ed. do autor, 1940.

por sua vez, realçamos os textos *Baden-Powell, Pedagogia e Personalidade*¹⁴ (1961), *Depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito*¹⁵ (1968), *Fontes e Pontes do Futuro: Educação Africana*¹⁶ (1972) e a obra *Educação de Portugal*¹⁷ (escrita em 1970 mas apenas publicada em 1989). Contudo, relativamente a esta última, é necessário fazer-se uma ressalva, já que ela não é uma obra de cariz estritamente pedagógico e educacional. Trata-se não só de uma síntese, tanto ao nível da letra como ao nível do espírito, do pensamento de Agostinho da Silva como um todo, mas também de uma sugestão de Paideia. Afinal, o que está em causa é uma ideia de civilização, é uma ideia de Portugal “como conjunto de povos que falam português”¹⁸, como todo e que inclui “o todo, o de amarelos, brancos, pretos, e vermelhos, o de islamitas, cristãos, judeus, animistas, budistas, taoistas, o da América, Europa, Ásia, África, Oceania, (...)”¹⁹. É de um paradigma civilizacional que se trata e no qual o Brasil se antevê enquanto condutor e impulsionador. Na medida em que é universal e culturalmente miscigenado, o Brasil poderá ser o protótipo, por excelência, de uma educação ou formação plena e integral do ser humano. Neste sentido, as filosofias da mestiçagem desenvolvidas por alguns pensadores franceses, especialmente por Michel Serres²⁰, uma vez que caracterizam a formação do homem enquanto *outra, terceira, mestiça*, dialogam com o pensamento educacional de Agostinho da Silva.

É, portanto, no seu exercício de professor, mas também, e essencialmente, no de fundador das principais universidades brasileiras e de importantes centros de estudo que o filósofo e educador luso-brasileiro sedimenta a sua prática educativo-pedagógica e formula uma teoria universalista da Educação. Antes disso, Agostinho da Silva havia tentado implementar, em Portugal, essa ideia progressista de Educação, todavia, tal tentativa fora mal sucedida e rendera-lhe, primeiramente, a expulsão do ensino público (1935) e, em seguida, a prisão política (1943).

É óbvio que a razão que induz o nosso autor à prisão no dia 24 de junho de 1943, na Cadeia do Aljube, em Lisboa, pela Polícia Política de Salazar, não é meramente de natureza educacional – a bem da verdade, ele é preso por motivos de ordem política e religiosa. Contudo, ela é naturalmente inerente, já que fazia parte do projeto civilizacional de Agostinho da Silva. Afinal, desde a década de 1930 que Agostinho da Silva era inspecionado e perseguido pela PVDE²¹ por supostamente ser comunista e herege. Contudo, o autor contrariava essas acusações, até porque o seu nome nunca esteve perfilhado, por exemplo, ao Partido Comunista Português (PCP) e, ainda que a sua excomunhão tivesse sido sugerida por um grupo de católicos, a Igreja também nunca se manifestou a esse respeito: “É curioso que só os adversários

¹⁴ Idem. *Baden-Powell, Pedagogia e Personalidade* (I e II). Rio de Janeiro: *Bandeirantes*, n.º 6, 1961 (Idem. *Textos Pedagógicos II*. Lisboa: Âncora Editora, 2000).

¹⁵ Idem. *Depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito*, 23 de Maio de 1968 (Idem. *Textos Pedagógicos II*).

¹⁶ Idem. *Fontes e Pontes do Futuro: Educação Africana*. Lisboa: *Vida Mundial*, 1972 (Idem. *Dispersos*. Org. Paulo Borges. Lisboa: ICALP, 1988).

¹⁷ Idem. *Educação de Portugal*. Lisboa: Ulmeiro, 1989.

¹⁸ Idem. *Educação de Portugal*. In: _____. *Textos Pedagógicos II*. Lisboa, Âncora Editora, 2000, p. 100.

¹⁹ *Ibidem*, p. 126.

²⁰ V. SERRES, Michel. *O Terceiro Instruído*. Trad. Serafim Ferreira. Lisboa: Instituto Piaget, s.d.

²¹ Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, que, a partir de 1945, passa a ser denominada de PIDE-DGS (Polícia Internacional e de Defesa do Estado – Direção Geral de Segurança).

me têm tomado por comunista; os comunistas nunca, embora saibam que há muitos pontos em que concordo com eles”²²; “É o Cristianismo uma doutrina aceitável? Parece-me ser a melhor de todas as que existem”²³.

As acusações de subversão, tanto num plano institucional como num plano ideológico (não só não tinha assinado a Lei Cabral, em 1935, como havia defendido um conjunto de ideias de cariz socialista que, maculava, segundo os católicos, a ideologia cristã), estão intimamente associadas à incompreensão de uma nova ideia civilizacional, de uma nova ideia de Paideia. Nesse sentido, estava Agostinho da Silva convicto de que o “imenso desafio que se nos apresenta é o de educar o povo, insistindo em que educar não é levar ninguém a ser isto ou aquilo, não é tentar influir de qualquer modo em sua orientação futura, mas dar meios de expressão à sua capacidade criadora e de comunicação”²⁴. Assenta, deste modo, a sua visão de Paideia na formação da sociedade em geral e de uma sociedade mais justa, socialista e igual para todos em particular. Adjetivos esses que, no seu posto de vista, são curiosa e absolutamente cristãos, primitivamente cristãos, tal como defende, em 1943, na polémica que estabelece com os jornalistas católicos portugueses e com alguns membros da Igreja Católica Portuguesa, mas, por exemplo, também, em 1970, na sua obra *Educação de Portugal*: “O Reino é um momento do mundo, uma fase final de uma longa evolução em que os homens, sem necessidades materiais por satisfazer, se sentirão plenamente de acordo consigo e de acordo com o universo. (...) A questão urgente é a do material, como base indispensável para uma liberdade do espírito. (...) no Reino não haverá problemas económicos, (...) nem posse de bens materiais”²⁵; “(...) coma, e depois se eduque; (...)”²⁶. Por mais matizes que se vão revelando no pensamento de Agostinho da Silva, ao longo de sessenta anos de atividade intelectual e pragmática, há uma máxima que se mantém inalterável: é necessário dar-se de comer primeiro a quem tem fome e só depois promover-se a Educação.

Intitulamos a perspectiva agostiniana da educação de universalista essencialmente por três razões:

1. Educação para todos;
2. Educação que envolve tudo (Universo) e todos;
3. Educação entre todos.

Se aparentemente existe alguma afinidade com a proposta que Jan Amos Comenius apresenta na sua *Didática Magna*²⁷, sobretudo no que diz respeito à Educação estar ao alcance de todos os sujeitos, a verdade é que a intenção de Agostinho da Silva se demarca amplamente da do educador seiscentista, não só por questões de anacronia mas, essencialmente, por questões metodológicas e didáticas. Se, enquanto divulgador cultural, o filósofo luso-brasileiro tinha em mente uma educação universal no sentido de comungar conhecimento com o maior número de

²² SILVA, Agostinho da. *Carta ao Ex.^{mo} Sr. Diretor de “As Novidades”*. Datilografada. Lisboa, 08/03/1943.

²³ Idem. *Carta ao Diretor do “Aléo”*. Datilografada, Lisboa, 18/05/1943.

²⁴ Idem, *Educação de Portugal*, p. 117.

²⁵ Idem. *O Cristianismo. Textos e Ensaios Filosóficos I*. Lisboa: Âncora Editora, 1999, pp. 77-78.

²⁶ Idem, *Educação de Portugal*, p. 112.

²⁷ Vf. COMENIUS, Jan Amos. *Didática Magna*. Trad. Joaquim Ferreira Gomes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

pessoas, na realidade, o mesmo jamais aceitaria, por completo, a proposta que Comenius concretiza no Capítulo X da *Didática Magna*. Na visão de Agostinho da Silva, a escola não deve ensinar apenas o universal, deverá, ao contrário, promover o particular, partir daquilo que é específico e próprio do contexto escolar e regional. O mesmo poderemos dizer dos capítulos XVI a XXIV, nos quais Comenius se debruça sobre os métodos de ensinar (fácil e rapidamente) as artes, as línguas, a moral e as ciências, por exemplo. Para Agostinho da Silva, jamais um método de cariz universal se poderá sobrepor a um indivíduo especial e exclusivo. Nesta perspectiva, o filósofo mostrava apreço pelas aprendizagens personalizadas, sobretudo aquelas que foram implementadas pelo Plano Dalton²⁸ e o Plano Winnetka²⁹.

Ao regressarmos à análise da educação universalista de Agostinho da Silva, verificamos que, no que toca à primeira razão, Educação para todos, não será demais enfatizar que a principal tarefa da sociedade consiste na educação do povo³⁰. As escolas e as universidades deverão ser lugares abertos, espaços aos quais a comunidade possa aderir se, por caso, neles tiver interesse. Nessa dinâmica, tanto a Escola quanto a Universidade poderão fazer conviver o aluno formal com o aluno informal. Nesta perspectiva, a Educação alargar-se-á naturalmente. Se, entre as décadas de 1930 e 1940, em Portugal, quando este atravessava uma Ditadura, Agostinho da Silva escreve pequenos cadernos de características enciclopédicas para que o povo tivesse acesso à cultura (nesse período a taxa de analfabetismo rondava a média dos 60%³¹), dava palestras em sindicatos e em bibliotecas distantes de Lisboa; a partir dos finais da década de 1940 até ao fim da de 1960, no Brasil, o mesmo autor aproximará a Universidade da comunidade, tentando implementar a máxima da Educação para todos. A título de exemplo, podemos aludir aos resultados que se obtiveram com a criação do CEAO, na Universidade da Bahia, e às relações que se estabeleceram entre a Universidade de Brasília e o Centro de Tradições Populares do Mestre Teodoro Freire. No primeiro caso, quando Agostinho da Silva cria, em 1959, em Salvador, o Centro de Estudos Afro-Orientais, para além de promover uma aproximação entre a Universidade e as pessoas das culturas e religiões afro-brasileiras (muitas delas não sabiam ler nem escrever e vão aprofundar na Universidade, por exemplo, a língua yorubá que já conheciam dos rituais do Candomblé), cria incentivos para que jovens brasileiros vão para África e também, por sua vez, que jovens africanos venham para o Brasil, promovendo um fortíssimo e necessário debate cultural e civilizacional. No que diz respeito ao segundo caso, quando o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses promove encontros, em Sobradinho (perto de Brasília), no Centro de Tradições Populares de Teodoro Freire, não são apenas os frequentadores deste Centro que se acercam da Universidade, é igualmente esta que se dá conta de determinadas questões que, sem esse movimento, jamais as conheceria ou reconheceria – “Pedirmos ao povo que nos ensine o que ele sabe muito mais verdadeiramente do que nós”³². Em síntese, e lançando mão de uma expressão metafórica, “os intelectuais não sabem e não o

²⁸ Vf. SILVA, Agostinho da, *O Plano Dalton*.

²⁹ Vf. Idem, *As Escolas de Winnetka*.

³⁰ O conceito de povo empregue por Agostinho da Silva na sua obra e, particularmente no texto *Educação de Portugal*, diz respeito ao conjunto de indivíduos que sustenta um país ou uma comunidade e os representa na sua essencialidade. Distingue-se, assim, positivamente da elite (que, na maioria, está interessada em adquirir e perpetuar os seus proveitos e conveniências), quer em termos sociais e económicos quer em termos morais.

³¹ Vf. CANDEIAS, António; SIMÕES, Eduarda. Alfabetização e escola em Portugal no século XX: Censos Nacionais e estudos de caso. *Análise Psicológica*. 1999, pp. 163-194.

³² SILVA, Agostinho da, *Educação de Portugal*, p. 122.

sabem; o povo, ao menos, sabe que não sabe; os intelectuais desprezam o que não sabem, o povo prezaria sabê-lo; no pombal dos intelectuais só moram pombas cativas, qualquer que seja a cor da plumagem; no pombal do povo nem uma pomba objetiva e real; há apenas a pomba do culto e do desejo; a pomba da Fé”³³.

No que diz respeito à segunda razão, Educação que envolve tudo e todos, poderemos indicar que Agostinho da Silva envereda por um universalismo radical, ou seja, por algo que inclua, tal como defende em *Educação de Portugal*, “uma filosofia do Universo inteiro”³⁴. Tal proposta leva-nos essencial e inclusivamente para dois caminhos: o primeiro apresenta a Educação enquanto processo de identidade, sociabilidade e igualdade; o segundo mostra que a Educação pode reconduzir o homem para a Natureza, para o Universo ao qual pertence, do qual não existe separado.

Ao mesmo tempo que concebe a Educação enquanto tarefa propulsora da igualdade entre todos (ser-se sempre companheiro em vez de se ser chefe³⁵, afinal, “porque acreditamos na pluralidade infinita do espírito, estaremos preparados para encontrar com amor o que de mais diferente nos apareça, para incluir na nossa experiência a experiência dos outros e para verificarmos sempre se não terão eles mais razão do que nós e não são os caminhos deles que deveríamos tomar como mais apropriados ao que somos, sem que deixemos, no entanto, de ter firme o pensamento de que compete a cada um a sua estrada e de que são bem diferentes a companhia e a subordinação”³⁶), Agostinho da Silva mostra, de igual forma, que é o processo educativo que deve promulgar a identidade e a sociabilidade do sujeito. A primeira no sentido em que “todo o homem é diferente de mim, e único no Universo”³⁷, a segunda porque só existe a consciencialização do *eu* a partir da consciencialização que o *eu* faz do *outro* (“Só serei eu se for tudo o outro”³⁸; “Existiria o um sem o outro?”³⁹; Tem cada homem de caminhar para seu irmão com a ideia de que, se não vale ele mais, pelo menos, o mesmo e lhe não tem, portanto, de ditar normas algumas como se fossem as melhores ou as únicas, mas comparar o que pensarem um e outro e tentar tudo para que, se a verdade se não revela, se estabeleçam os compromissos que a vida exige, já que não somos sós no mundo”⁴⁰).

Mas, como já dissemos anteriormente, o universalismo que o nosso filósofo luso-brasileiro concebe é radical, uma vez que não se atém tão-só aos seres humanos mas ao conjunto de tudo quanto existe. E é precisamente a esse universalismo a que a Educação deve estar atenta. Agostinho da Silva, ainda na fase da sua juventude intelectual, já proferia: “O problema, para todo o homem que pense, está em alargar [a sua alma] de tal modo que o seu convés possa acolher toda a imensa multidão dos seres, quando todos o tiverem conseguido – e, com o homem, as árvores dos bosques, as aves dos céus, as pedras das montanhas – então, (...), o mundo será salvo. Apressemos a chegada da hora. Que a geração

³³ Ibidem, p. 103.

³⁴ Ibidem, p. 122.

³⁵ Idem. *Sete Cartas a um Jovem Filósofo*. 4.^a ed. Lisboa: Ulmeiro, 1997, pp. 74-75: “Esteja sempre com os homens e faça o possível porque eles não estejam consigo. Ser companheiro vale mais do que ser chefe”.

³⁶ Idem, *Educação de Portugal*, pp. 110-111.

³⁷ Ibidem, pp. 90-91.

³⁸ Idem. Pensamento à Solta. In: _____. *Textos e Ensaios Filosóficos II*. Lisboa: Âncora Editora, 1999, p. 150.

³⁹ Ibidem, p. 150.

⁴⁰ Idem, *Educação de Portugal*, pp. 110-111.

que vem depois de nós seja melhor do que a nossa”⁴¹. Agostinho da Silva vai, deste modo, mais longe do que Jean-Jacques Rousseau. Não se trata apenas de seguir e respeitar a Natureza, entendendo-a enquanto Mãe de todos os ensinamentos, trata-se de compreender que todos os seres são a Natureza e que nenhum está separado do outro, aproximando-se mais, em certa medida, do panteísmo de Espinosa. Assim, tanto em 1945, em *Sete Cartas a um Jovem Filósofo*, quanto em 1970, na *Educação de Portugal*, Agostinho da Silva tece um enorme elogio a uma ideia de Natureza que extrapola o simples naturalismo e que se assenta num universalismo absoluto: “Há em você, querido amigo, uma primavera perpétua, a apetência de viver dos rebentos das árvores e é tal o esplendor do sol que o ilumina que até a melancolia do outono ganha através de si um brilho que talvez a desnature, mas que é, sem dúvida, uma forma de amor. A chuva canta para você melodias que são heroicas, o nevoeiro cerra sempre perante você os véus misteriosos de que às vezes, no caminho dos heróis, irrompiam as deusas. É inútil discutir se você emprestou à vida a sua própria vibração, o seu entusiasmo, o seu ardor, ou se é apenas como que um ponto aonde vêm coincidir todas as irradiações das coisas”⁴²; “Penso, portanto, que a natureza é bela na medida em que reflete a nossa beleza, que o amor que temos pelos outros é o amor que temos pelo que neles de nós se reflete, como o ódio que lhes sintamos é o desagrado por nossas próprias deficiências”⁴³.

A terceira e última razão, Educação entre todos, vem instituir o paradigma de que “todos vamos ter que ser professores de todos”⁴⁴. Se a Educação se deixar guiar pelo espírito das cooperativas⁴⁵ e das comunidades coletivas de índole socialista (tão ao jeito do cristianismo primitivo que o autor defende em *O Cristianismo* e na *Doutrina Cristã*⁴⁶ e do anarquismo franciscano), se as escolas forem entendidas como modelos micro sociais, todos os indivíduos estão implicados nos processos formativos e educativos: além dos convencionais agentes da Educação – professores e alunos –, esta terá que contar igualmente com a família, os colegas mais velhos, os colegas mais novos (estes, a título de exemplo, poderão ter um papel fundamental, na educação dos adultos⁴⁷), os homens das cidades, os homens dos campos, os doutos e os analfabetos. Afinal, “ninguém sabe tão pouco que não possa igualmente ser professor”⁴⁸ e, acrescentamos nós, da mesma forma que ninguém sabe tanto que não possa também ser aluno – “Cada um dos que sabe um pouco mais ensinará os que sabem um pouco menos, quer na alfabetização, quer no entendimento do mundo em que se vive e em que nenhum

⁴¹ Idem. Pólicles. In: _____. *Parábola da Mulher de Loth. Pólicles. Apólogo de Pródigo de Céos*. Lisboa: Ulmeiro, 1998, pp. 45-46.

⁴² Idem, *Sete Cartas a um Jovem Filósofo*, p. 22.

⁴³ Idem, *Educação de Portugal*, p. 90.

⁴⁴ Ibidem, p. 117.

⁴⁵ O cooperativismo enquanto sistema social e econômico que visa o desaparecimento do lucro e do capitalismo há muito que interessava a Agostinho da Silva. Pelo menos desde o início da década de 1930, muito influenciado pelo seu mestre Antônio Sérgio (filósofo e educador português) que, já nessa altura, tinha alguns escritos dedicados ao tema. Ora, no ponto de vista do nosso autor, o mesmo tema só poderia florescer se fosse implementado como princípio pedagógico. Nesse sentido, a cooperativa surge, num primeiro momento, como núcleo familiar e escolar e, num segundo, como núcleo social e geral. A Escola e a Educação são as bases fulcrais do cooperativismo, bem como são as peças da mudança social. Vf. SILVA, Agostinho da. *As Cooperativas*. Lisboa: Ed. do autor, 1942.

⁴⁶ Idem. *A Doutrina Cristã*. Lisboa: Ed. do autor, 1943.

⁴⁷ Vf. Idem, *Educação de Portugal*, p. 119.

⁴⁸ Ibidem, p. 117.

aspecto deve ser ignorado (...). Os que forem das cidades a ensinar o povo, (...), deverão ir com a apetência e a humildade necessárias que o povo lhes pode ensinar a eles muito mais; inclusive a mais animadora das lições: a de que são melhores do que pensavam”⁴⁹.

Finalmente, poderemos afirmar, em caráter de síntese, que, para Agostinho da Silva, o objetivo da Educação é a instauração da forma mais simples e, portanto, paradoxalmente mais excelente e complexa, de Paideia: “Salvar a criança que nasce e de proteger o mais possível o que da criança ainda sobrou no adulto”⁵⁰; “A educação não terá nenhuma outra tarefa senão a de deixar que a bondade inicial esplenda e seja”⁵¹. A Educação é, simultaneamente, uma forma de prevenção (para que os jovens se não deixem capturar pelos hábitos e malefícios da adultícia) e uma forma de salvação (não permitir que a criança, a da tenra idade ou a da idade mais avançada, desapareça ou morra em momento algum). E quando se enceta uma tarefa que engloba prevenção e salvação, as ideias de sobrevivência e de paliativo não lhes podem estar associadas. É necessário apostar-se, ao contrário, na Vida, na “vida plena e cogulada”⁵², na Criação. Até “porque só há homem, quando se faz o impossível”⁵³.

Referências

Textos Principais de AGOSTINHO DA SILVA:

As Altas Escolas Populares da Dinamarca. Lisboa: *O Diabo*, 11/09/1939.

Baden-Powell, Pedagogia e Personalidade (I e II). Rio de Janeiro: *Bandeirantes*, n.º 6, 1961 (Idem. *Textos Pedagógicos II*. Lisboa: Âncora Editora, 2000).

Carta ao Ex.^{mo} Sr. Diretor de “As Novidades”. Datilografada. Lisboa, 08/03/1943.

Carta ao Diretor do “Aléo”. Datilografada, Lisboa, 18/05/1943.

Considerações pedagógicas. Lisboa: *O Diabo*, 18/02/1939.

As Cooperativas. Lisboa: Ed. do autor, 1942.

O Cristianismo. Lisboa: Ed. do autor, 1942.

Demóstenes. Lisboa: *O Diabo*, 25/11/1939.

Depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito, 23 de Maio de 1968 (*Textos Pedagógicos II*. Lisboa: Âncora Editora, 2000).

A Doutrina Cristã. Lisboa: Ed. do autor, 1943.

Educação de Portugal. *Textos Pedagógicos II*. Lisboa, Âncora Editora, 2000.

As Escolas de Lietz. Lisboa: *O Diabo*, 09/12/1939.

As Escolas de Winnetka, Lisboa. Ed. do autor, 1940.

⁴⁹ Ibidem, p. 117.

⁵⁰ Ibidem, p. 94.

⁵¹ Ibidem, p. 94.

⁵² Ibidem, p. 106.

⁵³ Idem, *Sete Cartas a um Jovem Filósofo*, p. 76.

Fontes e Pontes do Futuro: Educação Africana. Lisboa: Vida Mundial, 1972 (Dispersos. Org. Paulo Borges. Lisboa: ICALP, 1988).

O Método Montessori. Lisboa: Inquérito: 1939.

Pensamento à Solta. *Textos e Ensaios Filosóficos II*. Lisboa: Âncora Editora, 1999.

O Plano Dalton. Lisboa: Ed. do autor, 1942.

Pólicles. *Parábola da Mulher de Loth. Pólicles. Apólogo de Pródico de Céos*. Lisboa: Ulmeiro, 1998.

Sanderson e a escola de Oundle. Lisboa: Inquérito, 1941.

Sete Cartas a um Jovem Filósofo. 4.^a ed. Lisboa: Ulmeiro, 1997.

A Vida de Moisés. Lisboa: Seara Nova, 1938.

A Vida de Pestalozzi. Lisboa: Seara Nova, 1938.

A Vida de Francisco de Assis. Lisboa: Seara Nova, 1938.

Vida de Lincoln. Lisboa: Seara Nova, 1938.

Vida de Pasteur. Lisboa: Seara Nova, 1938.

Vida de Zola. Lisboa: Seara Nova, 1938.

A Vida de Washington. Lisboa: Inquérito, 1939.

Vida de Robert Owen. Famalicão: Ed. do autor, 1941.

Vida de Franklin. Famalicão: Ed. do autor, 1942.

Vida de Miguel Ângelo. Famalicão: Ed. do autor, 1942.

Vida de Lamennais. Famalicão: Ed. do autor, 1943.

Vida de Leopardi. Famalicão: Ed. do autor, 1944.

Vida de Leonardo da Vinci. Famalicão: Ed. do autor, 1944.

Vida de William Penn. Famalicão: Ed. do autor, 1946.

Textos Complementares de AGOSTINHO DA SILVA:

À VOLTA DO MUNDO - TEXTOS PARA A MOCIDADE:

A vida dos Esquimaus. Lisboa, Seara Nova, 1938.

Piccard na Estratosfera. Lisboa, Seara Nova, 1938.

Os Castores. Lisboa, Seara Nova, 1938.

Vida e Morte de Sócrates. Lisboa, Seara Nova, 1938.

A última viagem de Scott. Lisboa, Seara Nova, 1939.

As Aranhas. Lisboa, Seara Nova, 1939.

À VOLTA DO MUNDO - TEXTOS PARA A JUVENTUDE

1ª série

- Vida das Enguias*. Lisboa, ed. do autor, 1943.
Como se faz um Túnel. Lisboa, ed. do autor, 1943.
História dos Comboios. Lisboa, ed. do autor, 1943.
Aventuras com Tubarões. Lisboa, ed. do autor, 1943.
O Sábio Confúcio. Lisboa, ed. do autor, 1943.
Viagem à Lua, Lisboa, ed. do autor, 1943.

2ª série

- Os primeiros Aviões*. Lisboa, ed. do autor, 1943.

INICIAÇÃO - CADERNOS DE INFORMAÇÃO CULTURAL

1ª série

- A primeira volta ao Mundo*. Lisboa, ed. do autor, 1940.
Breve História do Linho. Lisboa, ed. do autor, 1940.
A vida de Edison. Lisboa, ed. do autor, 1940.
A vida e a Arte de Goya. Lisboa, ed. do autor, 1940/1943.
Uma ascensão nos Himalaias. Lisboa, ed. do autor, 1940/1943.
O pensamento de Epicuro. Lisboa, ed. do autor, 1940/1943.

2ª série

- O Planeta Marte*. Lisboa, ed. do autor, 1940.
A vida de Lesseps. Lisboa, ed. do autor, 1940.
Por três ovos de Pinguim. Lisboa, ed. do autor, 1940.
A Arte pré-Histórica. Lisboa, ed. do autor, 1940.
O Budismo. Lisboa, ed. do autor, 1940.
História dos Estados Unidos. Lisboa, ed. do autor, 1940.

3ª série

- O Petróleo*. Lisboa, ed. do autor, 1940.
A vida e a arte de Van Gogh. Lisboa, ed. do autor, 1940.
O Sahará. Lisboa, ed. do autor, 1940.
A vida de Pierre Curie. Lisboa, ed. do autor, 1940.
As Escolas de Winnetka. Lisboa, ed. do autor, 1940.
História da Holanda. Lisboa, ed. do autor, 1940.

4ª série

A vida e a arte de Ticiano. Lisboa, ed. do autor, 1941.

O Gás. Lisboa, ed. do autor, 1941.

As viagens de Colombo. Lisboa, ed. do autor, 1941.

O Estoicismo. Lisboa, ed. do autor, 1941.

Mozart. Lisboa, ed. do autor, 1941.

O Mundo dos Micróbios. Lisboa, ed. do autor, 1941.

5ª série

A vida de Masaryk. Lisboa, ed. do autor, 1941.

O Ferro. Lisboa, ed. do autor, 1941.

História do Egito antigo. Lisboa, ed. do autor, 1941.

A Escultura Grega. Lisboa, ed. do autor, 1941.

As Viagens de Stanley. Lisboa, ed. do autor, 1941.

A Reforma. Lisboa, ed. do autor, 1941.

6ª série

O Transformismo. Lisboa, ed. do autor, 1942.

A vida de Florence Nightingale. Lisboa, ed. do autor, 1942.

O Islamismo. Lisboa, ed. do autor, 1942.

As Abelhas. Lisboa, ed. do autor, 1942.

A vida e a arte de Cellini. Lisboa, ed. do autor, 1942.

Literatura Latina. Lisboa, ed. do autor, 1942.

7ª série

A vida de Nansen. Lisboa, ed. do autor, 1942.

O plano Dalton. Lisboa, ed. do autor, 1942.

As Cooperativas. Lisboa, ed. do autor, 1942.

O Sol. Lisboa, ed. do autor, 1942.

Goethe. Lisboa, ed. do autor, 1942.

O Cristianismo. Lisboa, ed. do autor, 1942.

8ª série

Beethoven, Lisboa, ed. do autor, 1942.

Literatura Russa, Lisboa, ed. do autor, 1942.

Filosofia Pré-Socrática, Lisboa, ed. do autor, 1942.

Alexandre Herculano, Lisboa, ed. do autor, 1942.

A Hulha. Lisboa, ed. do autor, 1942.

A vida e a arte de Courbet. Lisboa, ed. do autor, 1942.

9ª série

Alimentação Humana. Lisboa, ed. do autor, 1942.

Sócrates. Lisboa, ed. do autor, 1943.

A vida e a arte de Rembrandt. Lisboa, ed. do autor, 1943.

Apicultura. Lisboa, ed. do autor, 1943.

História do Japão. Lisboa, ed. do autor, 1944.

As viagens de Livingstone. Lisboa, ed. do autor, 1944.

10ª série

Vida de Vivekananda. Lisboa, ed. do autor, 1944.

As Estrelas. Lisboa, ed. do autor, 1944.

O Sistema nervoso. Lisboa, ed. do autor, 1944.

Literatura Portuguesa, Lisboa, ed. do autor, 1944.

Motores de explosão. Lisboa, ed. do autor, 1944.

11ª série

William Morris. Lisboa, ed. do autor, 1944.

Platão. Lisboa, ed. do autor, 1946.

A Arte Egípcia. Lisboa, ed. do autor, 1947.

Bach. Lisboa, ed. do autor, 1947.

Outros Textos:

CANDEIAS, Antônio; SIMÕES, Eduarda. Alfabetização e escola em Portugal no século XX: Censos Nacionais e estudos de caso. *Análise Psicológica*. 1999.

COMENIUS, Jan Amos. *Didática Magna*. Trad. Joaquim Ferreira Gomes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

SERRES, Michel. *O Terceiro Instruído*. Trad. Serafim Ferreira. Lisboa: Instituto Piaget, s.d.